

TRÂNSITOS

AFROATLÂNTICOS

ROTAS LITERÁRIAS E ARTÍSTICAS NA PRODUÇÃO
DO BEM VIVER ENTRE ÁFRICA, BRASIL E PORTUGAL
PRIMEIRO ENCONTRO INTERNACIONAL

27-28 OUTUBRO 2026

AUDITÓRIO - BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL
CAMPO GRANDE N.º 83, 1749-081, LISBOA

O CHAM - Centro de Humanidades é financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I. P. - UID/04666/2025 -
<https://doi.org/10.54499/UID/04666/2025>.

Créditos da Imagem: Nuno Silas, *Sem Título*, 2023 (Cortesia do Artista)

1º Encontro Internacional Trânsitos AfroAtlânticos: Rotas Literárias e Artísticas na produção do Bem Viver entre África, Brasil e Portugal

27 e 28 e de outubro de 2026, Biblioteca Nacional de Portugal

O Primeiro Encontro Internacional **“Trânsitos Afroatlânticos: Rotas Literárias e Artísticas na produção do Bem Viver entre África, Brasil e Portugal”** pretende discutir as formas de escrita e criação artísticas nas suas circulações entre continentes, com especial atenção para a produção artística e literária das diásporas africanas, tanto na sua vertente contemporânea, como na historicização do pensamento negro. Preocupa-se com as formas da escrita, a problematização da sua recepção e legado, e também com os desequilíbrios de poder que influenciam estes processos. Na experiência de um passado compartilhado, profundamente marcado por uma história colonial, culturas negras da África e da afrodíaspóra foram transfiguradas nas inscrições em língua portuguesa, mas também nas oralidades. É preciso pensar criticamente o quanto a ideia de uma “comunidade de língua portuguesa” foi/é produzida por uma narrativa hegemônica, traduzindo-se no que Eduardo Lourenço (2001) apontou como a “nau de Ícaro” soçobrando nas “imagens e miragens da lusofonia”. As trocas entre África, Brasil e Portugal que aqui visamos explorar neste evento são da ordem da poética da relação (Glissant, 2021), dos múltiplos (bi)linguajamentos (Mignolo, 2020) e das rotas (im)possíveis que evocam uma língua portuguesa heterogênea e diversa junto com literaturas e saberes que nos permitam reexistir (Souza, 2011), mesmo ante a violência colonial, mas também (re)inventarmos novos mundos rumo ao Bem Viver nesses outros diálogos que buscamos. Alberto Acosta (2016) nomeia como Bem Viver as cosmo percepções ancestrais antigas dos povos tradicionais andinos, mas também africanos que visam à coexistência, interação e ao compartilhamento radicais entre homem, natureza, animais. Neste sentido, é uma prática combativa ao capitalismo selvagem, à colonialidade e ao colonialismo, bem como um dispositivo poderoso para sonhar/produzir mundos. O Bem Viver está associado a diversos conceitos que o expressam nas culturas tradicionais andinas e africanas: *Sumak Kawsay* em quéchua, *Suma Qamaña* em aymara, Teko Porã em guarani, Nhanderekó em guarani mbya, Ubuntu nas línguas bantu, *Ọmọlúàbí* em yorùbá.

Vê-se que o *espírito da intimidade* (Somé, 2003) e de partilhamento dessa comunidade de falantes da língua portuguesa, junto com outras línguas também nossas e o seu sentimento de pertença abordados aqui, estão aliados, dentre outros territórios, com os saberes tradicionais afroatlânticos; com as artes e poéticas negras, bem como com as narrativas africanas na África, no Brasil e em Portugal; mas, sobretudo, com o mundo quilombo, a partir do pensamento da intelectual afrobrasileira Beatriz Nascimento (Ratts, 2006), e neste sentido essas trocas transcendem o espaço físico, firmando-se como um *topos* de resistência, de sublevação e de reinvenção da existência e dos saberes negros na diáspora afroatlântica.

É exatamente a partir desse contexto que surge o evento **“Trânsitos Afroatlânticos: Rotas Literárias e Artísticas na produção do Bem Viver entre África, Brasil e Portugal”**. Neste sentido, a nossa proposta é a de intensificar as conversas, discussões e trocas em torno desse território afrorrizomático (Santos; Riso, 2013) que é o afroatlântico traçado pela língua portuguesa e suas artes, considerando essas outras possibilidades epistemológicas e metodológicas que reinterpretam a cultura e a produção de conhecimento negros. Nosso movimento caminha firmemente na contramão da colonialidade do saber, do poder e do ser, pondo em suspenso a centralidade das narrativas hegemônicas. Nossa intenção é fortalecer o debate a partir da contribuição de intelectuais que se têm dedicado a discutir esses saberes por vias que privilegiam o questionamento e a encruzilhada (Martins, 2021).

O objetivo central é compreender como as obras artísticas, literárias e o pensamento intelectual efetivados por pessoas negras e/ou abordagens pós-coloniais, decoloniais e/ou centradas na

epistemologia negra têm contribuído de forma decisiva para a descolonização do saber e do ser, vislumbrando também seus efeitos sobre a colonialidade do poder.

Algumas dessas contribuições vêm reinventando os modos de fazer e dizer, da arte e da literatura, os métodos de pesquisa, e as teorias da literatura e cultura, no esforço de recriação do repertório epistemológico dos campos artísticos e da humanidade, cientes de que a descolonização não é possível, se reduplicar as formas de produção de conhecimento que criaram e/ou justificaram o mundo colonial.

Convidamos pesquisadores, estudantes, ativistas e toda a comunidade a se juntarem a nós neste encontro. Venha construir conosco novas perspectivas literárias, artísticas e filosofias de Bem Viver que descolonizem o nosso olhar, a nossa língua e a nossa história.

Comissão Organizadora:

Henrique Freitas (José Henrique de Freitas Santos) é Professor Titular do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Doutor em Letras pela UFBA com Pós-doutorado em Estudos Literários pela Obafemi Awolowo University (Ile-Ife, Nigéria) e pelo Pós-crítica UNEB (Alagoinhas/Brasil). Coordena o grupo de pesquisa Yorubantu.

Jorge Augusto de Jesus Silva é poeta e professor. Atua na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e no PPGLITCULT-UFBA. É Doutor na área de Letras. Venceu o Prêmio Jabuti Acadêmico 2025 e foi premiado pela Biblioteca Nacional, no mesmo ano. Coordena o grupo de pesquisa Perifa.

Liz Maria Teles de Sá Almeida é Docente EBTB do Instituto Federal da Bahia, campus Paulo Afonso. Doutora em Literatura pela Universidade de Évora, membro do grupo GENORE (CEC/ULisboa), membro do CEL (Centro de Estudos em Letras da Universidade de Évora).

Noemi Alfieri é Investigadora Auxiliar em História da Imprensa e Membro da Direção do CHAM – Centro de Humanidades. Foi Investigadora Visitante em várias instituições (África Multiple, U.Bayreuth, ASCL Leiden, Cátedra Agostinho Neto, U.RomaTre). É doutora em Estudos Portugueses, História do Livro e Crítica Textual (NOVA-FCSH). Está a co-editar *25 Women who Shaped Postcolonial Africa* (Routledge) e *Roma 70: Conferenza di Solidarietà con i Popoli delle Colonie Portoghesi*.

Silvana Carvalho da Fonseca é docente do curso de Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e do Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Doutora em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia e coordena o grupo de pesquisa Poéticas Periféricas (CNPQ/UFRB).

Instituições Organizadoras:

CHAM – Centro de Humanidades, NOVA FCSH

Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura.

Instituto Federal da Bahia/IFBA, Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena - NEABI, do campus Paulo Afonso.

PROGRAMAÇÃO DO EVENTO

27 de outubro de 2026, Biblioteca Nacional de Portugal (Auditório)

10h – Boas-vindas com café e Saudações Institucionais

10h15 - Conferência de abertura:

Inocência Mata (FLUL, CECOMP)

Desassossegar o Atlântico: Memórias, arquivos e poéticas afroatlânticas

11h - Pausa

11h15: Teoria e Crítica Literária no séc. XXI: entre oraturas, Literatura-terreiro e Modernismo Negro

Henrique Freitas (UFBA) / Jorge Augusto (UESB) / Raquel Lima (CES - UCoimbra)

Moderação: Federica Lupati (CHAM, NOVA-FCSH)

12h30 - Almoço livre

14h30: Diálogos (im)possíveis entre África, Brasil e Portugal na literatura contemporânea.

Liz Almeida (IFBA- CEU/UÉvora) / Silvana Carvalho (UFRB)/ Luca Fazzini (CECOMP - ULisboa)

Moderação: Noemi Alfieri (CHAM, NOVA-FCSH)

16h: Coffe Break

18h: Mesa-redonda-redonda: Lançamento de Livros e Revistas, Biblioteca Nacional de Portugal (Auditório)

Moderação: Profª Drª Liz Almeida (Instituto Federal da Bahia - CEU/UÉvora)

Literatura-Terreiro: letramentos negros, pilhagem epistêmica e iniciação à herança africana na literatura brasileira (Henrique Freitas), *O Escravo, O Fantasma e o Homem Negro: masculinidades negras no Movimento Hip Hop entre Brasil, Angola e Portugal* (Silvana Carvalho), *Modernismo Negro: a literatura de Lima Barreto* (Jorge Augusto), *Escritas afrodescendentes* (Ana Paula Tavares; Rosa Fina; Noemi Alfieri; Sofia Lopes; Arimilde Soares orgs.), *MAF Journal* (Mafambane Collective), *Cidades do Atlântico: Literatura, Biopoder e Colonialidade* (Luca Fazzini) www.mafambanecollective.com, *História, Literatura e Artes em rotas atlânticas*, (Ana Paula Sampaio Caldeira, Débora Dias e Douglas Attila Marcelino)

28 de outubro de 2026, Biblioteca Nacional de Portugal (Auditório)

10h - 11h30: Diálogos Afro-Atlânticos, Pedagogia e Historicização.

Federica Lupati (NOVA, FCSH), Débora Dias (NOVA, FCSH), Raquel Ribeiro (NOVA, FCSH), Augusto Leal (UFPA)

Moderação: Silvana Carvalho (URFB)

11h30 - Pausa Café

12h: **Diálogos Afro-Atlânticos entre Artes e Investigação: desafios contemporâneos**

Nuno Silas (UE/IHC/IN2Past), Israel Valente (Investigador Independente), Nikitta Dede Adjirakor (SIT Study Abroad), Austine Osas (Artista, USA, Nigéria)

Moderação: Henrique Freitas

13h30 - Almoço livre

15h - 16h30 **Seminários: Biblioteca Nacional de Portugal (Auditório)**

Nesses dois seminários, apresentar-se-ão as pesquisas produzidas no Brasil, a partir de um repertório epistemológico e conceitual que problematize as possibilidades de análises não-canônicas de narrativas africanas, afrodiaspóricas, periféricas e negras contemporâneas.

A crítica Literária negra no Brasil, (Jorge Augusto/UESB)

Buscaremos discutir sobre as recepções críticas das obras produzidas por pessoas negras no Brasil, sinalizando as tensões e diálogos entre a tradição modernista e as novas propostas epistemológicas efetivadas por intelectuais negras e negros.

O que é Literatura-terreiro? - Teoria, crítica e historiografia brasileiras. (Henrique Freitas/UFBA)

Partindo de uma iniciação da Literatura brasileira à Literatura africana, o conceito de Literatura-terreiro se preocupa em expor como formas estéticas da cultura negra ficaram alijadas do campo crítico no Brasil, discutindo, como sua inserção reordena as formas de classificação e análise do literário em nossa tradição.

REFERÊNCIAS:

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos.** Trad. Tadeu Brada. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação.** Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

LOURENÇO, Eduardo. **A Nau de Ícaro e Imagem e Miragem da Lusofonia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINS, Leda Maria. **Performances** do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais / Projetos Globais: Colonialidade, Saberes Subalternos e Pensamento Liminal.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

RATTS, Alex. **Eu Sou Atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo, Imprensa Oficial, 2007.

SANTOS, José Henrique de Freitas; RISO, Ricardo. **Afro-Rizomas na Diáspora Negra: as literaturas africanas na encruzilhada brasileira**. Rio de Janeiro: Kitabu, 2013.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. Rio de Janeiro: Odysseus, 2003.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência**. Poesia, Grafite, Música, Dança: hip-hop. São Paulo: Editora Parábola, 2011.